

Diversidade e história



Raul Antelo

(Universidade Federal de Santa Catarina)

Ao começar a guerra mundial, em 1939, o presidente da Academia Brasileira de Letras, Cláudio de Souza (1876-1954), empreende uma viagem pelas ilhas do Atlântico sul e nelas registra, fundamentalmente, o mistério daquelas paragens.

Mistério, porque mistério foi essa *res nullius* até às vesperras de nossos dias. Quem a queria até o segundo quartel do século passado?... Ninguém! Fantasmagoria espectral, pèlago de perigos mil, bátrato inacessível, onde a vida agonizava no soluço desesperado dos ventos, de deuses rebelados e vencidos, essa terra, essas cordilheiras, essas ilhas, êsse arquipélago são o estrangulamento da terra esfacelada pelo cataclismo e esmigalhada entre as espirais das serpentes imensas, das gibóias sinistras dos canais... A água entrou-lhe pelo corpo decepado. Cortou-o de fistulas. Impediu-lhe a comunicação universal, e, isolando-a da solidariedade do continente, tornou-a um amontoado de rochedos e arrecifes. *Res nullius*... Ninguém a queria. A avidez humana de terras enviava-lhe, entretanto, seguidas

expedições. Mas os descobridores morriam de sede e de fome, esmigalhavam-se contra as pedras, ou regressavam esqueléticos e combalidos para todo seu curto resto de vida, escrevendo como Cook em 1769: – “É a terra mais horrível que até hoje tenho visto. Não pôde haver na natureza lugar mais agreste”.

Outro explorador, o capitão Samuel Wallis, confirma essa impressão, escrevendo:

– Região selvagem e inabitável que mais parece ruína de um mundo que habitação de seres humanos.

Contavam outros, entretanto, como John Byron, naquela mesma época: Vi nela flôres não inferiores às nossas na variedade, no colorido e no perfume. Essa região, trabalhada pela cultura, será uma das mais belas do mundo. Outros haviam avistado naquela costa seres humanos de proporções avantajadas, com enormes pés lanudos, torsos vigorosos e cabeças altivas, raça forte e rara, descendentes dos deuses gigantescos de mundo desaparecido. Entretanto ninguém queria essa terra, espécie de polvo de mil tentáculos, onde as fúrias infernais ora se deixavam surpreender na horridez de seu monstruoso *sabbath*, ora se mostravam floridas e festivas, inundadas de sol, chilreantes de pássaros, repousantes de sombra e cheias dos encantos das sereias para atrair o viajante e devorá-lo.¹

A condição de ser uma terra habitada pelo mistério alimenta, em

1 SOUZA, Claudio de. *Terra do fogo* (Impressões de viagem á região do polo Sul). Rio de Janeiro, P.E.N. Clube do Brasil, s/d, p. 7-9. Adolfo Prieto, partindo da hipótese de que “algunos de los viajeros ingleses que llegaron a la Argentina entre los años 1820 y 1835 aproximadamente, elaboraron una imagen del país según pautas de selección y de jerarquización muy específicas”, concluiu que “algunas de esas pautas se anticiparon en varios años o fueron, en el momento de publicación de los textos, estrictamente contemporáneas a las empleadas por escritores que, como Alberdi, Echeverría, Sarmiento y Mármol, proclamaron y contribuyeron, de hecho, a la fundación de la literatura nacional argentina” (p.12-3). Não obstante, Prieto conclui o retrospecto do relevamento britânico com a constatação de que esse cenário é expandido por Darwin e Fitz-Roy, com a incorporação do imenso território patagônico, a Terra do Fogo e as ilhas Malvinas, “un paisaje distinto, una población y una historia remota o escasamente vinculada a la población y la historia asentadas en el varias veces secular corredor establecido por los colonizadores españoles. De alguna manera, entonces, la particular naturaleza de este complemento viene a redimensionar, a reubicar, a ordenar de nuevo el grueso del material acumulado por el propio Darwin y por los otros viajeros que lo precedieron de cerca. Entender la segunda operación como complementaria de la primera es admitir, simplemente, que Darwin construye en su diario una imagen de la Argentina más abarcadora y compleja de la que muchos de los propios argentinos tenían del país entre los años 1835 y 1845. La tercera operación, sin embargo, la del rescate del recuerdo de la Patagonia como el recuerdo más perdurable del viaje alrededor del mundo, tiene menos que ver con una Patagonia poblada todavía de nativos de alta talla, que con el ambiguo sentimiento sugerido por sus vastas latitudes a un observador europeo: el de representar acaso la última frontera a la voluntad de apropiación del conocimiento”. PRIETO, Adolfo. *Los viajeros ingleses y la emergencia de la literatura argentina, 1820-1850*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1996, p. 88.

consequência, a conexão desse território com o mito. Um estudioso da questão, o italiano Furio Jesi (1941-1980), pautou suas pesquisas pelos estudos de um precursor como Bachofen, que configuravam um desafio para o Esclarecimento, na medida em que foram sempre considerados equívocos para aqueles que do Iluminismo tinham escolhido, tão somente, seu aspecto diurno, espalhando a luz, no entanto, para a objetividade filológica, que praticavam com todas as armas do positivismo. Bachofen, pelo contrário, inclinava-se em direção às profundidades do ser e do pensamento, essa região obscura que se apresentava como um perigo, um terreno também de perigosas areias movediças ou de pântanos cheios de fantasmas, onde o risco era particularmente grande porque a essência do pensamento iluminista implicava uma dialética entre a luz e as trevas, que se traduzia, frequentemente, em exorcismo das trevas: considerava-se a luz como o contrário das trevas, quando, caberia pensar, à maneira de Santo Agostinho, na treva como uma ausência de luz. Bachofen, que propunha um fundamento funerário da propriedade, argumentando que o núcleo da propriedade era a posse fundiária, e que o núcleo desta é o túmulo, punha o estudioso da mitologia frente à responsabilidade, despertada aliás por Rousseau, de ser um simples exegeta das características das sociedades primitivas e, portanto, de todas as sociedades humanas, graças à equivalência entre primitivo e primordial, ou, em outras palavras, em virtude da postulação de um fundamento perene para a avaliação simbólica ou cultural². Particularmente em seu ensaio sobre Bachofen, Jesi esclarece um aspecto da *máquina mitológica* sobre a qual descansavam relatos como o de Cláudio de Souza, aspecto esse que é tributário, aliás, das teses sobre filosofia da história de Benjamin, ao argumentar que a relação com o antigo sempre suscitou, na cultura ocidental, uma quantidade de pesquisas esotéricas, frequentemente mescladas a outras, propriamente filológicas, mas, desde os inícios da etnografia e a etnologia, em todas elas, comprova-se que os diversos, enquanto antigos, possuem segredos e mistérios de que os diversos, enquanto selvagens, foram desprovidos. Para ilustrar essa violência de privação simbólica, poderíamos nos valer da imagem de John Byron citada por Cláudio de Souza, os mares do sul como um confinamento habitado por um polvo de mil tentáculos que aí dominava em um monstruoso *sabbath*, em que bem podemos reconhecer a figura do *Leviathan* de Hobbes. Mas Jesi relembra outro caso, o do monge beneditino Antoine-Joseph

Pernety, ou ainda Dom Pernety (1716-1801), um dos primeiros visitantes da ilha de Santa Catarina, que foi também arqueólogo, filólogo e esoterista, em cujos estudos, embora, de um lado, se admitisse que a tradição mitológica da guerra de Troia se relacionava com símbolos alquímicos, de outro, antecipando-se, por exemplo, a Cláudio de Souza, limitava-se a assumir a função objetiva de etnógrafo, em seu relato da viagem empreendida com Louis-Antoine de Bougainville às ilhas Malvinas, em que descrevia os hábitos dos selvagens que lá encontrou sem resgatar-lhes, porém, nenhum segredo, nenhum enigma, como puro e simples viajante curioso e discretamente objetivo pelos mares do sul³. Em poucas palavras, Jesi nos diz que, para equacionarmos as relações entre o antigo e o selvagem, é necessário, antes de mais nada, analisar os modelos gnoseológicos utilizados para produzir as múltiplas categorias do *diverso* às quais recorreremos quase sem pensar. Em suma, Pernety procedeu a des-historicizar uma cultura que Cláudio de Souza, a seguir, pôde, enfim, ficcionalizar mais livremente. Mas isso não libera os textos em questão de uma marca histórica muito precisa, que Jesi desentranha com agudeza. Julga, assim, que os primeiros viajantes às Malvinas eram esotéricos, na medida em que reconheciam, nas formas simbólicas, a precedência de antigos esquemas, mas, não obstante, observa que eles eram igualmente científicos enquanto, abolindo o segredo, descreviam usos e práticas culturais com uma suposta objetividade universal. Com esse raciocínio, Furio Jesi instala, no coração mesmo do mito (a fábula), o espelho da mitologia (a ficção), e nos diz, portanto, que a lógica da representação (a história) está minada, então, pelo regime da verdade (da ambivalência). E a esse respeito explica que

Ao atribuírem aos diversos-antigos e não aos diversos-selvagens a propriedade do segredo, os esoteristas não se limitam a preservar passivamente sua riqueza, mas a defendem ativamente, usufruindo da dimensão temporal (em que colocam a exibição dos bens) para dar fundamento à projeção da duração dos bens exibidos. A esfera dos diversos-antigos preserva como um estojo definitivamente congelado a raiz do segredo, entendido como diferença por antonomásia. Ao conservar aí essa raiz, os esoteristas colocam-na, deliberadamente, a resguardo das turbulências da história: no seguro, em um lugar onde ela não poderá nunca mais ser cortada e, portanto, sempre poderá vir a fundamentar e alimentar a futura duração da planta.

Os diversos-selvagens, que gozam de contemporaneidade com os esoteristas, estão, pelo contrário, expostos cotidianamente aos perigos da história – e tanto mais, a partir do momento em que a descoberta de sua condição de “cidadãos”, quebrou as últimas barreiras que separavam seu próprio tempo daquele dos “civilizados”, sua própria história da história da Europa. Isso significa, além do mais, que a verdadeira diversidade, a diversidade por antonomásia, essa que pode coincidir com o segredo enquanto extrema diversidade, é apenas a diversidade no tempo, uma vez que somente a diversidade no tempo pode ser configurada como elemento eficaz de ruptura do modelo da história como *continuum* único. E justamente é essa ruptura o objetivo preliminar das doutrinas e das práticas esotéricas⁴.

308

É bom observar que, pouco antes de Cláudio de Souza, um dos mais celebrados modernistas do grupo *Martín Fierro*, Sergio Piñero filho, a quem Borges, aliás, dedica seu prototípico “Leyenda policial” (1927), sorte de proto-texto de “Homem da esquina rosada”, empreende a mesma viagem mítica ao sul (tópico compartilhado não só com Borges, mas também com Marechal ou Molinari), mais especificamente às Orcadas, e também equaciona o mistério austral em chave policial, pois é na convenção desse gênero que então se exprimia o infame.

La vida aventurera tiene una atracción invencible. Es la vida del abandono donde impera constantemente la suerte. A la despreocupación de lo que les rodea se añade la voluptuosidad de lo imprevisto que cambia la vida y las rutas de la existencia. En las almas nómades esa inclinación al constante vagar se torna imperativo, obsesionante. Y en cuestión de suerte muchos hay que no pueden sustraerse a la emoción de un pleno cuando la ruleta es la vida misma...

Viven dedicados a su trabajo atisbando únicamente el momento de encontrarse frente a frente con una botella de whisky. A las escasas mujeres, retraídas en sus casas, poco se las ve; y cuando por cualquier motivo cruzan a la vista, los ojos van tras sus carnes, libremente desparramadas en impúdica observación que desconcierta. Las conversaciones hieden a comercio y sexualismo como la bahía a aceite. Pero teniendo la precaución de repartir sendas y virtuosas copas, la plática se vuelve inagotable surtidor de asuntos novedosos que se escuchan con avidez.

Un viejo obrero de factoría se hizo gran amigo mío. Ha-

cía quince años que vivía en la isla. Contaba ya sesenta y cinco de edad. Por sobre la cabecera de su lecho de viudo, atrájome el cristal de una fotografía reproduciendo una preciosa joven noruega de ojos transparentes y cabellos sobre la cara, del color de los crepúsculos boreales. Era su hija. Me hablaba de ella con la emoción temblorosa de un alucinado. Relatábame cómo se vió obligado a dejarla y cómo pasaron de veloces los años, uno tras otro, en el ansia de reconstruir la fortuna perdida en una mala racha del juego obstinado.

–Pero ya lo he conseguido,– me decía, –zarparé el próximo mes para estrecharla entre mis brazos. ¡Pobrecilla! ¡Quién sabe dónde está y lo que es! Pero la veré. ¡Oh, sí la veré! ¿Comprende usted? ¡Veré a mi hija!...

Una noche mi viejo amigo me envió a bordo un gentil obsequio: una gorra noruega de cuero, recubierta de pieles. Para sorprenderlo la coloqué sobre mi cabeza y me dirijí de puntillas a su habitación en un pequeño chalet cercano a la factoría. Sobre el lecho, el anciano descansaba con placidez, soñando quizás en las sonrosadas mejillas de aquella su hija, tan inocente y tan rubia... Me acerqué a llamarlo.

Estaba muerto.⁵

Se o relato de Piñero, como *Lenda policial*, é uma maneira de *sentir-se em morte* e equivale, remedando Sarlo, a um formalismo regional de vanguarda, o poeta Manoel Ricardo de Lima opera, em uma mesa de trabalho não muito diversa à de Vitor Chlovski em sua *Viagem sentimental*, no intuito de ler a poesia brasileira contemporânea, em particular, o caso limite de Aníbal Cristobo (1971-), poeta bilingue e encavalgado a duas culturas, através da evocação de um muito conhecido poema de Borges, “Juan López y John Ward”, que trata de um encontro imprevisto entre dois soldados, durante a guerra nas Malvinas. Observa o crítico que a transparência desse enfrentamento rosto a rosto, ou livro a livro, e língua a língua, numa peculiar postulação do neutro (os *ninguéns* Juan López e John Ward) e, ao mesmo tempo, a demarcação da literatura de Cervantes e Conrad, que Borges louva, no poema, como paradigmas de suas respectivas línguas, desfaz o semblante sugerido pelas ideias de mito e território, ou de lei e nome, e tensiona, enfim, um quadro que, apoiado em Giorgio Agamben, Manoel Ricardo identifica com a tópica de “o amigo” e “a amizade”. Evoca assim o nosso autor

5 PIÑERO HIJO, Sergio. *El puñal de Orion*. Apuntes de viaje. Buenos Aires: Proa, 1925, p. 113-116.

que, em *O amigo*, Giorgio Agamben parte, com efeito, de uma tela de Giovanni Serodine, chamada *Incontro de San Pietro e San Paolo sulla via del martirio* para, a certa altura, afirmar que

310

Na Galleria Nazionale di Arte Antica, em Roma, se conserva um quadro de Giovanni Serodine que representa o encontro dos apóstolos Pedro e Paulo a caminho de seu martírio. Os dois santos, imóveis, ocupam o centro da tela, rodeados pelos gestos desordenados dos soldados e dos carrascos que os conduzem ao suplício. Os críticos muitas vezes mostraram o contraste entre o rigor heróico dos dois apóstolos e a balbúrdia da multidão, visível aqui e ali por clarões respingados quase que por acaso sobre os braços, sobre os rostos, sobre as trombetas. Por mim considero que aquilo que torna esse quadro propriamente incomparável é que Serodine representou os dois apóstolos tão perto um do outro, com os rostos quase colados, que eles não podem absolutamente ver-se: a caminho do martírio, eles se olham sem se reconhecer. Essa impressão de uma intimidade por assim dizer excessiva é ainda intensificada pelo gesto silencioso das mãos que se apertam abaixo, um pouco escondidas. Sempre me pareceu que esse quadro contivesse uma perfeita alegoria da amizade. O que é, na verdade, a amizade, senão uma proximidade tal que não é possível representá-la, nem fazer dela um conceito?

Manoel Ricardo, em poucas palavras, sublinha o caráter íntimo da relação amigo-inimigo mas, por outro lado, não deixa de destacar que, com a assertiva de “um tempo que não podemos entender”, retirada aliás do poema de Borges, e partindo, ainda, do princípio de que o tempo é firme e imóvel e que, em torno dele, nós, os homens, criamos uma ilusão insuspeita de movimento, poderíamos concluir que

é imprescindível ler e ver também a poesia de Aníbal Cristobo numa tripartição de *quando*, *quanto* e *como* ela pode ou consegue (ou conseguiria) ainda se desprender da história e, assim, sucessivamente, das ideias que poderiam vir de um lugar específico e nacionalizado. Arma-se, assim, um tempo da contingência irrefletida do corpo solto no mundo para experimentar a aventura, a aventura como espera, suspensão e, principalmente, com a permissão do encontro e da existência de UM OUTRO, ou seja, com coragem. Para Walter Benjamin, a coragem tem a ver não só com *limitação*, mas também com a *posse* do próprio corpo; diz ele que a “coragem é entrega ao perigo que ameaça o mundo”, que para uma “pessoa corajosa o pe-

rigo existe, no entanto, ela não o trata com consideração” (...). Uma abolição da diferença entre um *eu* suposto e um *outro* mais suposto ainda tende a abolir a coragem, esta atitude que “quanto mais profundamente é compreendida, torna-se menos uma característica do que uma relação do homem com o mundo e do mundo com o homem” (...); e ainda, sem parar, tende a abolir também a possibilidade de um *eu* num *outro*, apagando assim qualquer heterogeneidade.

Uma tal análise, acionada, não esqueçamos, pelos rostos colados dos dois soldados amigos-inimigos, mas, certamente, mutuamente desconhecidos, leva o crítico Manoel Ricardo a montar esses textos junto a mais um, um poema de Francisco Alvim, logo de seu primeiro livro, *Sol dos cegos* (1968), intitulado “Paralaxe”, em que se pode ler, enfim, a repetição diferida da imagem do quadro de Serodine e, também, a reiteração de uma imagem imposta como encontro e, ao mesmo tempo, a certeza de ser um encontro, certamente, fadado ao insucesso e, portanto, um poderoso significante da “paisagem do vazio”, que Manoel Ricardo ilustra, vertiginosamente, com alguns fragmentos do trecho final desse poema:

Amo-te sim como a
 mim
 mesmo
 irmão paralelo

 olho
 no
 olho
 a luz do mundo só se ilumina
 quando soma tua visão e a minha
 Nutre o tempo, o real de
 nossos ombros paralelos
 elos
 contra o velho)

[...]

Um país de putas

chão pisado de botas

Um país pobre

fezes que a cobra expele

e que redevora

[...]

Puxa o gogo o pedagogo

cuspireja a grande perda

“Não deviam consentir

é mesmo um país de merda”

Putas inventam o

rio da sede

Também na mesa do bar

à conversa dá-se trela

eu mais ela ela mais eu

quando ela e eu eu e ela

por onde navegas a

paisagem do vazio⁶

Estes aspectos de uma luta cultural primordial se reativam quando ponderamos que a recente comemoração dos trinta anos da guerra das Malvinas provocou também uma série de ações e avaliações tão inéditas quanto ambivalentes. Exercícios bélicos britânicos que, ao que tudo indica, não desdenham armamento nuclear; novas explorações de petróleo na região, que se somam à pesca predatória já empreendida por outros

6 LIMA, Manoel Ricardo de. *Anibal Cristobo*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013, p. 17-22 [Col. Ciranda da Poesia].

países como o Japão e a Espanha, cujos efeitos, aliás, sentem-se em nossas mesas, dia a dia, com o sumiço de variedades outrora frequentes. No entanto, a cobertura corriqueira da mídia insistiu, quase exclusivamente, no caráter anormal das declarações do governo argentino, quase tachadas de bravatas, tirando relevância, ou mesmo naturalizando, a presença do Príncipe britânico, em roupas de combate, no arquipélago. Estaríamos, nos dizem, frente a um clássico exemplo de contradições políticas em torno a uma soberania incontestada, questão à qual não é sensato dedicar nem tempo nem mesmo reflexão. Mas é possível, contudo, ainda qualificar o diferendo de Malvinas de contradição lógica? Seria mesmo um conflito entre mito e razão? Entre arcaísmo e modernidade? Mesmo Kant e, na sua esteira, filósofos como Galvano Della Volpe, partindo da diferenciação estabelecida pelo antecessor alemão entre a contradição lógica, que é sempre uma contradição entre conceitos, e a oposição real, entre os objetos do mundo, que é sempre uma disputa de poder, chegaram à certeza de que o antagonismo não pode ser uma contradição, simplesmente porque a contradição não pode acontecer entre objetos lógicos. A filosofia hegeliana, hoje banalizada pela mídia até se tornar consensual, considera os antagonismos sociais meras contradições, porque opera com um pensamento idealista que reduz a realidade a conceitos, quando o caso Malvinas nos ilustra, pelo contrário, algo mais importante ainda: que os antagonismos sociais não são contradições, nem oposições reais. Antes pelo contrário, são o *limite* de toda objetividade, o contorno do que significa acatar a lei social universal e, portanto, iluminam também o instante em que a sociedade descobre sua própria impossibilidade de constituir-se como ordem objetiva necessária.

Apesar de todas as exortações das Nações Unidas, a recusa britânica em sentar-se à mesa de negociações representa esse limite que o universalismo idealista, também conhecido como colonialismo, decide ignorar: as efetivas condições históricas de uma produção simbólica, o fato de o Atlântico Sul ter sido, tradicionalmente, uma área de paz, condições que são uma parte da produção histórica ela mesma. Relembremos que, em plena I Grande Guerra, e em Buenos Aires, então comemorando seu primeiro Centenário de independência, Rui Barbosa constatava uma regra da modernidade ocidental, qual seja, a de que cresce, com efeito, a convicção de que os povos mais civilizados são os que mais lutam e investem em armamento, colaborando com o pensamento dominante no sentido de apresentar a guerra como uma divindade que

sagra e purifica os estados. É esse o mito aguerrido dos nacionalismos colonialistas. Contra o risco de que o ideal do estado se corrompa no ideal do dinheiro, ou diante da impossibilidade de ocultar essa inegável convivência, a única alternativa possível residiria na guerra. Portanto, a guerra, dizia Rui Barbosa em 1916, é um dos fatores essenciais da moralidade ocidental, uma vez que, graças a ela, a ética passa a se separar completamente da vontade, porque aquele que primeiro usar a força, sem medir o sangue derramado, terá sempre consigo, inexoravelmente, grande vantagem sobre o adversário. Mas, caberia ainda, em um cenário tão complexo quanto o contemporâneo, a possibilidade de sermos neutrais? Não se trata apenas de ser neutral, como Rui propunha aos países do Atlântico Sul em 1916. Trata-se, pelo contrário, de que os grandes acatem a lei e se sentem à mesa de negociações para garantirem a paz. Caso contrário, nunca terão sido mais válidas as palavras de Harold Pinter, em *War*: “The dead are dirt / The lights go out / The dead are dust”.

Qual a lição que nos deixa a poeira do tempo? Diante da atual crise da ordem global e, em particular, frente à ausência de respostas da democracia ao desafio da igualdade, o cientista social português Boaventura de Sousa Santos perguntava-se, recentemente, por que motivo a atual crise do capitalismo acaba fortalecendo, paradoxalmente, a quem a provoca. Por que a grande maioria dos cidadãos assiste a seu próprio empobrecimento como se fosse inevitável, e, no entanto, avalia o escandaloso enriquecimento de uma minoria como se fosse necessário? Por que a estabilidade dos mercados financeiros só é possível à custa da instabilidade, na vida da grande maioria da população? A resposta a essas questões, segundo Sousa Santos, é porque o crescimento econômico parece atualmente a panaceia exclusiva para todos esses males, econômicos e sociais, sem que nada se questione acerca dos custos sociais e ambientais dessa alternativa e isso simplesmente porque

o neoliberalismo é, antes de tudo, uma cultura do medo, do sofrimento e da morte para as grandes majorias: a ele não se combate eficazmente se não lhe opuser uma cultura da esperança, da felicidade e da vida. A dificuldade que as esquerdas têm, para assumirem-se portadoras dessa outra cultura, advém da queda, durante grande tempo, na armadilha com que as direitas sempre se mantiveram no poder: reduzir a realidade ao que existe, por mais injusto e cruel que seja, para que a esperança das majorias pareça irreal. O medo na espera mata a esperança de felicidade. Contra esta armadilha é preciso partir da ideia de que a

realidade é a soma do que existe, e de tudo o que nela emerge, como possibilidade e luta por concretizar-se. Se as esquerdas não sabem detectar as emergências, serão submergidas ou irão parar nos museus, o que é o mesmo.

Esse deveria ser, segundo o autor, o novo ponto de partida para as esquerdas, ampliar a realidade sobre a qual se deve atuar politicamente, como prova de que é possível lutar contra a suposta fatalidade da morte, em nome do direito à vida. E essa luta, a seu ver, deve ser conduzida por três palavras-guia: democratizar, desmercantilizar, descolonizar.

315

Democratizar a própria democracia, já que a atual deixou-se sequestrar pelos poderes antidemocráticos. É preciso tornar evidente que uma decisão tomada de forma democrática não pode ser destruída, no dia seguinte, por uma agência qualificada de riscos ou por uma baixa na cotação das Bolsas (...). Desmercantilizar significa mostrar que usamos, produzimos e intercambiamos mercadorias, porém que não somos mercadorias, nem aceitamos nos relacionarmos com os outros, e com a natureza, como se fossem uma mercadoria a mais. Somos cidadãos antes de sermos empreendedores e, para que o sejamos, é imperativo que nem tudo se compre, nem tudo se venda, que existam bens públicos e bens comuns como a água, a saúde, a educação. Descolonizar significa desenraizar das relações sociais a autorização para dominar os outros, sob o pretexto de que são inferiores: porque são mulheres, porque possuem uma cor de pele diferente ou porque pertencem a uma religião estranha⁷.

O desafio, portanto, é garantir a diversidade cultural, porém, não vendo os diversos enquanto selvagens, desprovidos do direito à vida, mas considerá-los, entretanto, diversos enquanto antigos detentores de segredos e enigmas que ainda nos determinam, na linguagem e no pensamento.

7 SANTOS, Boaventura de Sousa. "Democratizar, desmercantilizar, descolonizar". *Página/12*, Buenos Aires, 12 abril, 2012.

BIBLIOGRAFIA

JESI, Furio. *O Mito*. Trad. Lemos de Azevedo. Lisboa, Presença, 1977.

_____. *Bachofen*. Torino, Bollati Boringhieri, 2005.

LIMA, Manoel Ricardo de. *Aníbal Cristobo*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013 [Col. Ciranda da Poesia].

PIÑERO HIJO, Sergio. *El puñal de Orion*. Apuntes de viaje. Buenos Aires: Proa, 1925.

PRIETO, Adolfo. *Los viajeros ingleses y la emergencia de la literatura argentina, 1820-1850*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1996

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Democratizar, desmercantilizar, descolonizar”. *Página/12*, Buenos Aires, 12 abril, 2012.

SOUZA, Claudio de. *Terra do fogo* (Impressões de viagem á região do polo Sul). Rio de Janeiro, P.E.N. Clube do Brasil, s/d.